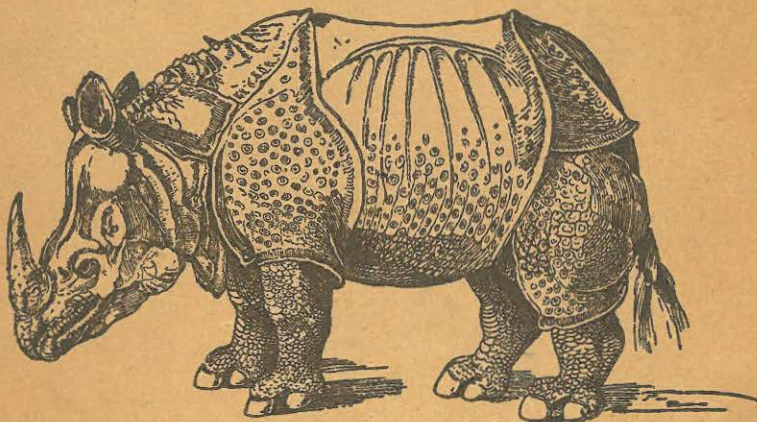


A. FONTOURA DA COSTA

DEAMBULAÇÕES DA GAN-
DA DE MODAFAR, REI DE
CAMBAIA, DE 1514 A 1516



LISBOA / 1937

DEAMBULAÇÕES DA GAN-
DA DE MODAFAR, REI DE
CAMBAIA, DE 1514 A 1516



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

DEAMBULAÇÕES DA GAN- DA DE MODAFAR, REI DE CAMBAIA, DE 1514 A 1516

POR

A. FONTOURA DA COSTA

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

1 9 3 7

Deambulações da Ganda de Modafar, rei de Cambaia, de 1514 a 1516

Ao preparar a *Biografia* de Valentim Fernandes (de Morávia) deparou-se-me em Ravenstein a seguinte nota:

«A letter, describing a rhinoceros which Garcia de Noronha had brought from India in 1513, was written by Ferdinand to his «friends» at Nuremberg and is published by Count Angelo de Gubernatis (*Storia dei Viaggiatori Italiani*, Livorna, 1875, p. 389). An engraving of this rhinoceros by Albert Dürer is to be found at the British Museum (Add. MSS. 5220, f. 19)» (1).

Ignorando do que se tratava, procurei elucidar-me, para o que me valido amável auxílio de várias pessoas, entre as quais os srs. doutores Armando Cortesão (Londres) e Luiz Silveira (Hamburgo) e professor Rodolfo Frederico Knapic.

A todos o meu reconhecimento sincero.

O presente trabalho, precisando datas, é o resultado do que consegui apurar sobre tão interessante assunto.

O alemão Valentim Fernandes (de Morávia) escreveu de Lisboa, em 1515, uma carta a um seu amigo de Nuremberg, cidade natal de Albert Dürer, na qual começa por se referir

(1) E. G. RAVENSTEIN — 25. Note 4, pág. 2.

à chegada a Lisboa, em 20 de Maio daquele ano, de um rinoceronte asiático, que o rei de Cambaia enviara a D. Manuel.

Perdeu-se o original do escrito do ilustre impressor, autor, tradutor, desenhador e grande admirador dos Descobrimentos portugueses, mas salvou-se uma tradução em italiano, hoje conservada na Biblioteca Nazionale Centrale de Florença ⁽²⁾, a qual foi publicada por Gubernatis ⁽³⁾. Dela possuo as respectivas fotocópias, cuja tradução (Doc. 1) devo à amabilidade do comandante César Ferreira.

Esta carta, interessantíssima pelos informes que dá, não tem, contudo, para o nosso trabalho, tóda a importância que supunha. Mas é notável, por precisar a data, já indicada, bem como a do combate com o elefante, a que depois me referirei; e, ainda, por ser um documento coevo de quem viu em Lisboa o precioso animal. Ao mesmo animal se referem vários clássicos, cuja citação precisa se encontra registada por Dodgson ⁽⁴⁾, o que muito veio facilitar as minhas investigações.

(2) VALENTIM FERNANDES — 14.

(3) a) ANGELO DE GUBERNATIS — 19. A tradução italiana, da carta de Valentim Fernandes, transcrita por Gubernatis, refere-se:

b) GOMES DE BRITO — 4.

(4) a) CAMPBELL DODGSON — 12. Págs. 307 e 308.

Cita os seguintes clássicos:

b) *Comentarios de Afonso de Albuquerque* — 8. Parte IV, Cap. XXIII.

c) FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — 22. Liv. III, Caps. CXXXIII e CXXXIV.

d) GASPAR CORREIA — 9. Vol. II, págs. 373 e 374.

e) JOÃO DE BARROS — 1. Liv. 10.º, Cap. I.

f) PAOLO GIOVIO — 17. Págs. 50 e 51.

Outras referências, não indicadas por Dodgson, serão indicadas na devida altura. Aqui sómente registarei esta:

g) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte III, Cap. LXIV.

1— A Ganda de Modafar vai de Champanel a Surrate e Goa, 1514

1 — Uma das maiores aspirações do grande Afonso de Albuquerque, incluída no seu colossal plano político, consistia na construção duma fortaleza em Diu, pertença do rei de Cambaia, de quem dependia a necessária autorização.

Várias cartas do genial Albuquerque, dirigidas a D. Manuel ⁽⁵⁾, mostram a importância que êle ligava à lusa fortificação da ilha.

O reino de Cambaia, ou de Guzarate, cuja carta João Baptista Lavanha executou ou mandou executar em 1615, para a IV *Década* de João de Barros ⁽⁶⁾, era limitado pelo mar e por vários reinos independentes. Durante o govêrno de Albuquerque foi rei de Cambaia Modafar ⁽⁷⁾, desde 1511; quinto rei segundo Barros, quarto de acôrdo com Diogo do Couto ⁽⁸⁾. Este rei, de cêrca de quarenta anos em 1514, estava casado com

(5) Albuquerque já em 1510 pensava em fazer a fortaleza de Diu:

Cartas de Afonso de Albuquerque — 5. I, pág. 420. *Sumário da carta a el-rei*, de 4 de Nov. de 1510.

(6) JOÃO DE BARROS — 2. Liv. 5.^o, Caps. I a III.

(7) Modafar II, conforme indica o prof. sr. Edgard Prestage (cuja amável comunicação agradeço). Reinou de 1511 a 1526.

(8) DIOGO DO COUTO — 10. Dec. IV, Liv. I, Cap. VII.

uma mulher reibuta (do vizinho reino dos Reibutos ou Reibutos), chamada Bilirrane, mas ainda tinha mais outras quinhentas.

2 — Albuquerque entabulou as necessárias negociações, com Modafar, enviando Diogo Fernandes (de Beja), como primeiro embaixador, e James Teixeira, como segundo, acompanhados de Francisco Pais, escrivão, Duarte Vaz, língua (intérprete) e vários outros. A embaixada ia munida dos indispensáveis presentes para o rei e alguns senhores da côrte. Uma ordem de Albuquerque especifica os dons ⁽⁹⁾:

De ouro:

1 — Uma adaga com rubis no cabo.

De prata:

2 — Uma bacia para lavar as mãos;

3 — Uma albarrada (espécie de jarro) dourada;

4 — Uma taça branca;

5 — Um jarro, dourado em parte;

6 — Um castiçal pequeno;

7 — Um barnegal (vaso);

aos quais Castanheda ⁽¹⁰⁾ junta:

8 — Um colar dourado e esmaltado;

9 — Uma peça de brocado verde da Pérsia;

10 — Duas peças de brocado da China;

11 — Nove cóvados de veludo preto.

⁽⁹⁾ *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. II, pág. 132. *Ordem de pagamento de Albuquerque, datada de Goa aos 8 de Novembro de 1514.*

⁽¹⁰⁾ FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — 22. Liv. III, Cap. CXXXII.



Haviam partido adiante, a preparar a recepção da embaixada, Pero Queimado e Gamapatim ⁽¹¹⁾ Gentio, língua.

Os embaixadores e sua comitiva partiram de Goa em Fevereiro de 1514, chegando a Surrate em 15 de Março seguinte. Daqui saíram a 28 do mesmo mês, para Champanel, que atingiram em 4 de Abril. Nesta cidade souberam que o rei estava em Mandoval ⁽¹²⁾, para onde seguiram, chegando a 16 do mesmo mês.

Pequena foi a demora, nada conseguindo do que desejavam nas suas negociações com Modafar ⁽¹³⁾, o qual retribuiu com outros presentes os que a embaixada levava. Entre aqueles realçava um «catele (cadeira) de lavor de madrepola», cousa rica, com varandas e paramentos, para el-rei, e uma «bicha monstruosa», para Albuquerque, que ainda estava em Champanel.

(11) a) Gamapim:

GASPAR CORREIA — 9. Vol. II, pág. 368.

b) Aganapatu e Ganapatu:

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — 22. Liv. III, respectivamente Caps. CXXVII e CXXXI.

(12) a) Madoval:

Comentários de Afonso de Albuquerque — 8. Parte IV, Cap. XXII.

b) Madavá e Madaval:

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — 22. Liv. III, respectivamente Cap. CXXXII e CXXXIV.

Alguns cronistas indicam Mandou, o que não pode ser porque esta cidade é no reino de Mandou, independente e confinante de Cambaia.

No mapa de Lavanha:

c) JOÃO DE BARROS — 2.

deve ser «Abmadabad», que é cidade importante, maior que Champanel e com mais edifícios.

(13) A fortaleza, que Albuquerque desejava construir em Diu, só veio a ser edificada no reinado de Badur, filho de Modafar, no ano de 1535, governando a Índia Nuno da Cunha. Diu ainda hoje pertence a Portugal.

A embaixada deixou Mandoval em 26 de Abril, seguindo directamente para Surrate, que alcançou em 8 de Maio. A «*bicha*», que em língua guzarate se chama *ganda* e na nossa «rinoceronte asiático», foi de Champanel, por terra, chegando a Surrate em 16 daquele mês de Maio de 1514, onde foi entregue aos embaixadores.

Gaspar Correia, que estava na Índia desde 1512, afirma que a *ganda*, que êle decerto viu:

«era alimaria mansa, baixa, de corpo um pouco comprido; os coiros, pés e mãos d'alifante; a cabeça como de porco, comprida; os olhos junto do focinho; e sobre as ventas tinha um corno, grosso e curto, delgado na ponta. Comia erva, palha e arrôz cosido» (14).

Uma corrente, amarrada a um pé, servia para a terem prêsa e a conduzirem.

Dificuldades várias obrigaram os embaixadores e comitiva a invernar em Surrate, contra as indicações expressas do *Regimento* de Albuquerque, que terminantemente lhes proibia passarem o inverno em Cambaia, o que mais tarde êle lhes exprobou.

Em Setembro, passada a estação invernal, embarcaram os embaixadores, a comitiva e a *ganda* em três cotundas ou zambucos (pequenos navios), partindo em 13 para Goa (15), onde chegaram a 15 do mesmo mês e ano de 1514 (16). A 25 fez Albuquerque conselho em Goa «sôbre se devia fazer guerra ao rei de Cambaia por êste não deixar fazer a fortaleza em Diu» (17).

(14) GASPAR CORREIA — 9. Vol. II, págs. 373 e 374.

(15) FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — 22. Liv. III, Cap. C.

(16) *Comentários de Afonso de Albuquerque* — 8. Parte IV, Cap. XXIII.

(17) *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. II, págs. 32 a 48.

II — A Ganda vem para Lisboa, 1515

3 — A 20 de Março de 1514, segundo uns, a 9 de Abril, segundo outros, partiu de Lisboa para a Índia a armada do capitão mor Cristóvão de Brito, composta de cinco naus. Os outros quatro capitães eram: João Serrão e:

Manuel de Melo, na *St.^a Maria da Luz*;

Francisco Pereira Coutinho, na *N.^a S.^a da Ajuda*;

Luiz Dantas, na *São Miguel*.

Ignoram-se os nomes das naus do capitão mor e do Serrão.

Luiz Dantas chegou a Goa em primeiro lugar; os restantes pouco mais tarde: Setembro do referido ano de 1514.

A nau *São Miguel*, de Luiz Dantas, perdeu-se pouco depois na barra de Chaul.

4 — Afonso de Albuquerque ao vêr a *ganda* de Modafar deve ter logo decidido enviá-la a D. Manuel, aproveitando para isso uma das naus da armada de retôrno.

Só se conhecem os nomes de três naus desta armada: a *S. Pedro* ⁽¹⁸⁾, parece que capitaneada por Luiz Dantas ⁽¹⁹⁾, a *St.^a Maria da Luz* e a *N.^a S.^a da Ajuda*, decerto com os capitães anteriores, respectivamente, Manuel de Melo e Francisco

(18) *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. VI, pág. 196. *Ordem de D. Garcia de Noronha ao almoxarife Alvaro Lopes, de Cochim, em 24 de Dezembro de 1514.*

(19) GASPAR CORREIA — 9. Vol. II, Cap. XLVI.

Pereira Coutinho; é no entanto possível que ainda houvesse outras, ignoradas. Alguns clássicos indicam Cristóvão de Brito, capitão mor da armada de ida, como o da de retôrno. Mas em 29 de Novembro de 1514, quando os navios já estavam preparando-se para o regresso ao reino, ainda êle escrevia de Chaul a D. Manuel ⁽²⁰⁾, donde concluo que ficou na Índia. Quem teria sido então o capitão mor?

James Teixeira regressou a Portugal na nau *N.^a S.^a da Ajuda*, do comando de Coutinho, com presentes de Afonso de Albuquerque para a rainha, para a infanta D. Isabel e para o príncipe D. João, e cartas, em primeira via, para D. Manuel ⁽²¹⁾.

O governador enviou a *ganda* a D. Manuel, acompanhada pelo índio Oçem (Doc. 2). Ora como James Teixeira fôra um dos embaixadores que a receberam em Surrate, vindo com ela até Goa, é de aceitar que ela também fôsse sua companheira de viagem até Lisboa.

A armada saíu de Cochim em princípios de Janeiro de 1515 ⁽²²⁾.

(20) *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. III, págs. 99 a 101.

(21) *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. I. Respectivamente:

a) Págs. 356. *Carta de Albuquerque à rainha, escrita da Galé Grande em 5 de Dezembro de 1514.*

b) Págs. 359. *Carta de Albuquerque a D. Manuel, de Cochim, em 10 de Dezembro de 1514.*

(22) a) Em 20 de Dez. de 1514 ainda Albuquerque escreve de Cochim a D. Manuel:

Cartas de Afonso de Albuquerque — 5. I, pág. 367.

b) E a 28 do mesmo mês e ano também ainda Jorge de Melo escreve de Cananor ao monarca:

Cartas de Afonso de Albuquerque — 5. IV, pág. 16 e segs.

Isto mostra que a armada só veio a partir nos começos de Janeiro de 1515.

5 — A viagem de retôrno da Índia, segundo indica Gaspar Ferreira Reimão ⁽²³⁾, fazia-se por dentro da ilha de São Lourenço (Madagascar) até 1527. Depois, durante setenta anos, passou a fazer-se por fora; em 1597 voltou a passar-se por dentro, ficando conhecida por *Carreira velha* a passagem por fóra de São Lourenço.

Em 1515 poderiam as naus ter tocado em Moçambique e dobrar o Cabo da Boa Esperança, ir a Santa Helena, donde seguiriam até à Terceira e daí para o Tejo isto é, abastecendo-se em três portos de escala, quando muito, nessa longa e arriscadíssima viagem de uns cento e vinte dias.

Com plena aguada, nem sempre pura, mantimentos de fácil deterioração, mercadorias e gente em barda, os navios vinham sempre a abarrotar.

As rotas, embora bem sabidas, eram às vezes assaz perigosas, quer por efeito dos temporais, quer por tocarem em baixos ou em escolhos ainda ignorados e não marcados nas cartas de marear coevas. E, também, por motivo da pilotagem usar, então, processos de navegação por alturas ainda rudimentares e instrumentos muito pouco precisos. A tonelagem das naus devia orçar por umas 200 toneladas, o que indica a sua pequenez para viagens tão aturadas.

A *História trágico-marítima* regista algumas das mais horrosas viagens de retôrno da Índia, cuja leitura é o melhor estímulo para as pessoas de nervos cançados.

Pode imaginar-se com facilidade, *grosso modo*, o que seria a vida na N.^a S.^a da *Ajuda* em companhia da *ganda*; bem como

(23) GASPAR FERREIRA REIMÃO — 16.

a dêste pobre animal, ao qual faltava o alimento predilecto: a erva, embora tivesse à sua disposição palha, talvez em mau estado, e arroz cosido, decerto pouco abundante ⁽²⁴⁾.

Pois a-pesar-de todos os contratempos a *ganda* chegou ao Tejo viva e com muita saúde.

6 — Luiz Falcão ⁽²⁵⁾ regista a chegada a Lisboa da nau *St.^a Maria da Luz* a 14 de Maio de 1515; da *N.^a S.^a da Ajuda* só indica que chegou no mesmo mês. Da *S. Pedro*, ou de qualquer outra, nata cita.

Como a *carta* de Valentim Fernandes (Doc. 1), sempre muito cuidadoso em tôdas as suas informações, precisa que o rinoceronte do rei de Cambaia chegou a Lisboa em 20 de Maio de 1515, deve aceitar-se esta data como a da chegada ao Tejo da nau *N.^a S.^a da Ajuda* com a preciosa *ganda* de Modafar.

(24) Alimentos indicados por Gaspar Correia (N.º 2).

(25) LUIZ DE FIGUEIREDO FALCÃO — 13.

III — A Ganda em Lisboa, 1515

7 — O rinoceronte asiático, animal da maior corpulência e ferocidade, é raríssimo nos Zoos, onde a sua presença causa sempre aos visitantes o maior espanto ⁽²⁶⁾.

A nossa *ganda* deve ter desembarcado no próprio dia da chegada ao Tejo: 20 de Maio de 1515. Pode calcular-se o efeito produzido nos habitantes lisboetas, bem como nos das terras do velho continente, quando souberam da existência em Lisboa do primeiro rinoceronte indiano que pisou o solo europeu, depois dum outro cêrca do ano 60 A. C., e de poucos mais no tempo de Plínio o *Antigo* ⁽²⁷⁾.

Não é natural que D. Manuel mandasse alojar a *ganda* em qualquer estábulo do paço dos Estaos, ao Rossio, junto ou mesmo nas proximidades dos elefantes — inimigos figadais não se dão bem sob o mesmo tecto. Ela deve ter ficado guardada em qualquer dependência do paço da Ribeira ou da vizinha Casa da Índia.

O antigo paço da Ribeira com os seus ornamentados salões,

(26) O do Zoo de Londres e o do de Hamburgo são ferocíssimos e têm o chifre cortado serce.

(27) Plínio afirma ter estado um em Roma na época de Pompeu o Magno; vários outros também viu:

CAIUS PLINII SECUNDI — 24. Liv. VIII, Caps. XIX e XX.

seus cirados e seus jardins, mandado construir por D. Manuel, ocupava o local onde hoje se vê o Ministério do Interior, a bôca da rua do Ouro, e da rua do Arsenal e parte do Ministério da Justiça. Em terreno adjacente erguia-se a Casa da Mina, edificada muito antes do paço, depois acrescentada por D. Manuel com a Casa da Índia. Em frente desta abria-se um terreiro ou pátio, cercado de alta parede ameada, com janelas de grades de ferro. Nêste pátio corria um passadiço, de banda a banda, comunicando os aposentos da raínha com os do rei, tendo lateralmente panos de Arráz pendentes ⁽²⁸⁾.

A — Justa, em Lisboa, da Ganda com um elefante
(3 de Junho de 1515)

8 — É bem conhecido o ódio mortal que a *ganda* e o elefante se votam. D. Manuel, querendo verificá-lo praticamente, ordenou um combate entre os dois paquidermes.

Valentim Fernandes, que *pessoalmente assistiu à justa*, descreve-a na sua carta de 1515 a um seu amigo de Nuremberg (Doc. 1). Damião de Gois ⁽²⁹⁾ também narra a organização e episódios dessa justa, mais pormenorizadamente do que aquêlê, mas fixando datas assaz incorretas. Júlio de Castilho ⁽³⁰⁾, ao

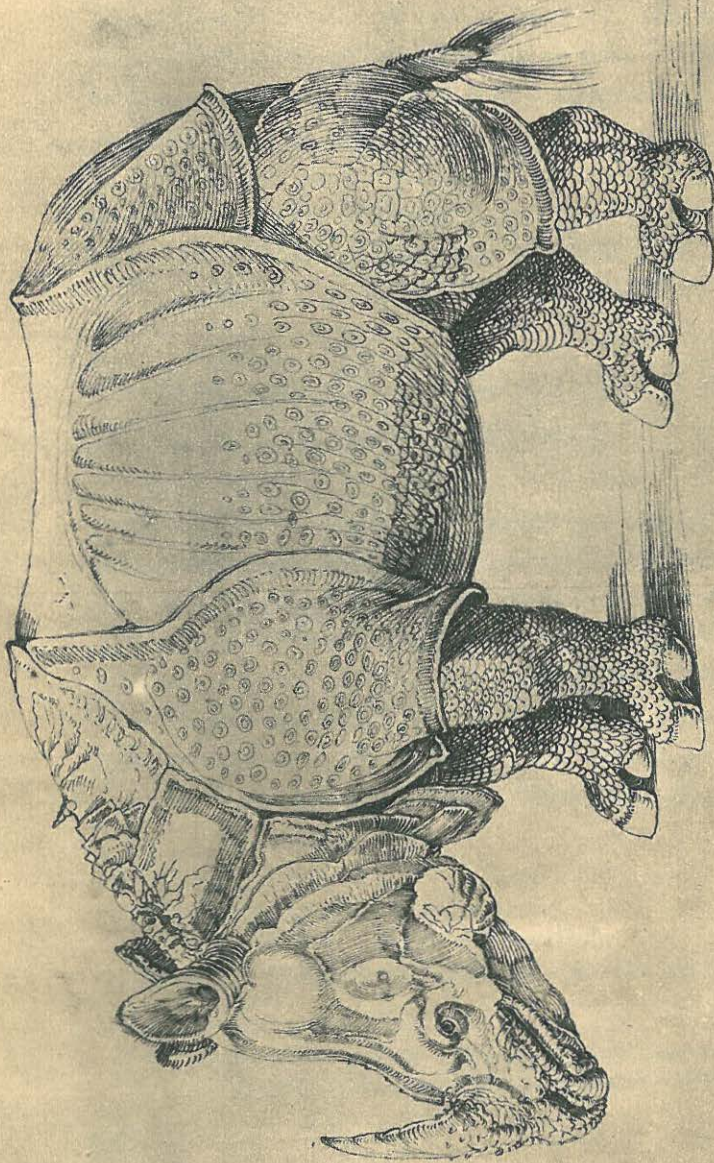
(28) JÚLIO DE CASTILHO — 6. Pág. 271.

(29) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV, Cap. XVIII.

(30) a) JÚLIO DE CASTILHO — 6. Págs. 270 a 274. Ver igualmente sôbre a justa:

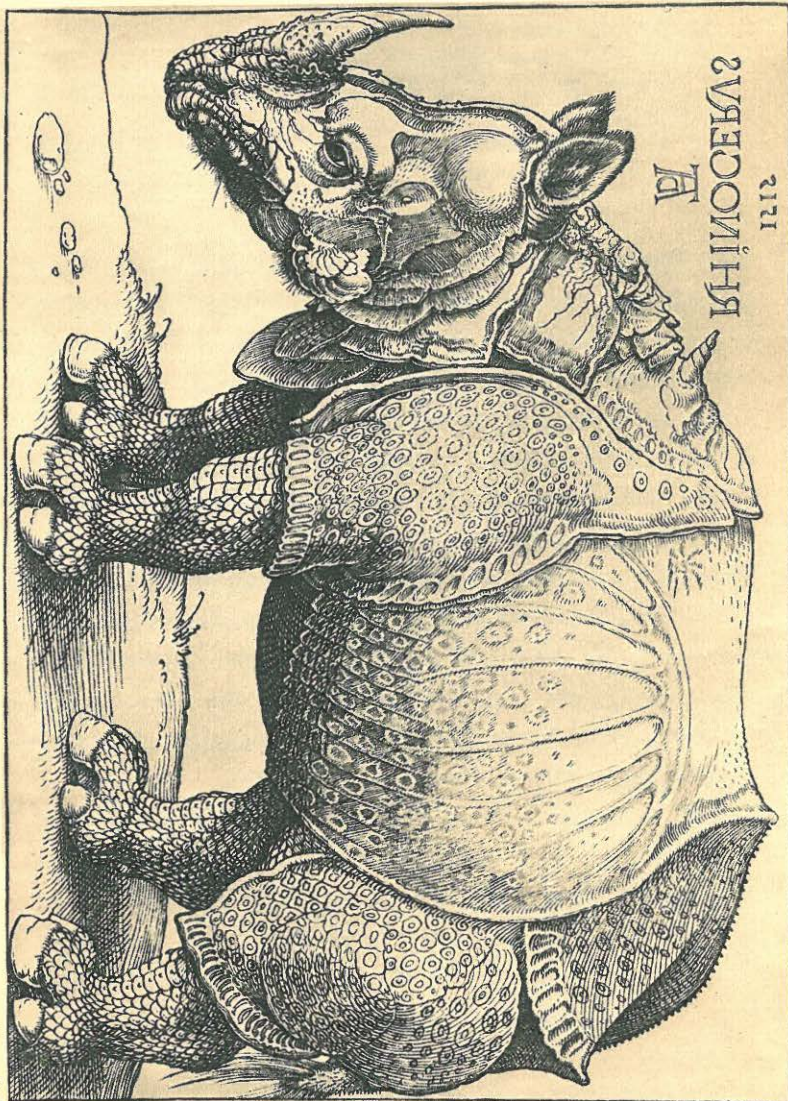
b) GOMES DE BRITO — 4.

que aproveitou também a *carta* de Valentim Fernandes (Doc. 1), e a descrição do paço da Ribeira, de Júlio de Castilho.



1. Ein Rhinoceros ist ein Thier, welches in Afrika und Asien zu finden ist. Es hat eine sehr dicke Haut, die mit kleinen Höfen besetzt ist. Es hat auch einen sehr großen Horn, welches es zur Wehrung seiner Haut gebraucht. Es ist ein sehr starkes Thier, welches sehr schnell laufen kann. Es ist auch sehr wild und gefährlich. Es ist ein sehr interessantes Thier, welches man sehr gerne sieht. Es ist ein sehr seltenes Thier, welches man nur in Afrika und Asien finden kann. Es ist ein sehr interessantes Thier, welches man sehr gerne sieht. Es ist ein sehr seltenes Thier, welches man nur in Afrika und Asien finden kann.

РИНОСЕРВ
 212



descrever o paço da Ribeira, conta-a também em termos interessantes seguindo de perto a narrativa de Gois.

Eis em resumo o que se passou.

O local escolhido para a luta foi o pátio, entre o paço da Ribeira e a Casa da Índia.

Em 3 de Junho de 1515, Domingo da Santíssima Trindade ⁽³¹⁾, reuniu-se a família real, com a côrte e os convidados, no indicado pátio, para onde já havia sido levada a *ganda*, conduzida pelo seu guarda índio — decerto Oçem — que a segurava pela corrente amarrada a um pé da bicha, ficando esta bem escondida atrás dos panos do passadiço.

Duma estrebaria do paço dos Estaos, ao Rossio, veio o mais jovem dos *alifões*, também conduzido pelo seu cornaca índio, passando pelas ruas da baixa por entre grande multidão dêsse povo, que o sr. doutor Júlio Dantas ⁽³²⁾ descreve na sua cintilante prosa de grão mestre actual das letras lusas.

O elefante entrou na arena, e el-rei ordenou que se levantassem os panos do passadiço, aparecendo a *ganda* furiosa e preparada para o ataque. Avançou ela com violência, tendo o guarda de ceder corrente. O elefante, que se achava de ancas voltadas para a *ganda*, virou-se, alçou a tromba e, ao divisarem os seus vivíssimos olhinhos o terrível chifre da *ganda*, urrou fortemente e, cheio de medo, fugiu em direcção duma das janelas gradeadas. Atirou ao chão com o cornaca, torceu com a

(31) a) VALENTIM FERNANDES (Doc. 1) fixa o dia da Santíssima Trindade de 1515 — 3 de Junho.

DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV, Cap. XVIII, indica o mês de Fevereiro de 1517, o que não é exacto.

(32) JÚLIO DANTAS — 11.

tromba os varões de ferro, «grossos como o braço» e meteu a cabeça na pequena abertura obtida; os fortes varões cederam e quebraram, e êle conseguiu enfiar-se completamente desaparecendo em carreira desordenada a caminho do seu estábulo do Rossio.

Assim terminou a interessante festa que tanto animara a vida lisboeta de 1515.

B — O «Rhinocerus 1515», de Alberto Dürer

9 — Em 1515 era grande a colónia alemã em Lisboa, principalmente composta de mercadores. Entre os de outros ofícios ainda existia o célebre Valentim Fernandes, que a Portugal prestou os mais relevantes serviços, mas já desaparecera um dos mais conhecidos: Martim de Behaim, natural de Nuremberg. Muitos portugueses, conhecedores da língua alemã, estavam relacionados com alemães, não só da colónia mas também residentes na própria Alemanha, e com a nossa famosa feitoria de Anvers. A sua correspondência, para aquêlê país e para esta cidade, de natureza comercial e mesmo cultural, incluía naturalmente as notícias dos mais notáveis factos que impressionavam a faustosa sociedade da nossa capital. A Lisboa manuelina era então um foco ultra-luminoso, brilhantemente alimentado pelas relações de além-mar, que a nossa navegação arrojadamente criara e mantinha.

10 — A chegada da *ganda* a Lisboa, a justa com o elefante e o exame diário do raríssimo *animal* devem ter dado brado em 1515.

Daí o *desenho à vista do paquiderme, que um artista luso executou com mestria.*

Este, ou outro português, tê-lo-ia enviado, com uma *missiva*, a qualquer amigo ou correspondente seu, da Alemanha ou mesmo de Anvers. Os dois preciosos *documentos* foram parar — senão directamente — às abençoadas mãos do habilitado artista Alberto Dürer, em Nuremberg, já então na pujança do seu imenso talento.

Dürer copiou a *missiva*, escrevendo-a êle próprio no *desenho original que ela acompanhava* e, desde 1830, se conserva no British Museum (cota: Sloane 5: 218).

Eis a leitura da *missiva*:

«lt im 153 [1513] jor adi i may hat man *unserm kiing van portigall* gen lisabona procht ein solch lebendig tir aus India das nent man Rhynocerate das hab ich dir van wonders wegen müsen abkunterfet shicker hat ein farb wy ein/krot und van dickn shaln überleg fast fest und ist in dr gros als ein helffant aber nydrer und ist des helffantz tott feint es hat forn ausff der nasen ein starck sharbft horn und so dz tir an helffant kumt mit im zw fechten so hat es for albeg sein/horn an den stecnin scharbft queweszt und lawft dem helffant mit dem Kopff zwischn dy fordern pein danreist er den helffant awff wo er am düinstn nawt hat und erwünot in also der helffant fürcht in ser übell den Rhynocerate dan er erwürgt in/albeg wo erden helffant ankumt dan er ist woll

gewapent und ser fiendig und behent dz tir würt
Rhinocero in greco et latino indico bera gomda»⁽³³⁾.

Esta missiva não deixa dúvidas quanto a ser um português o seu autor: «unserm kiing van portigall — ao nosso rei de Portugal», que no entanto errou o dia da chegada da ganda e até o ano; mas Dürer pode ter interpretado mal o algarismo das unidades, tomando-o por 3 em vês de 5.

Afirmam os técnicos que a nota manuscrita do *desenho* é do próprio punho de Dürer, como disse. Quanto ao *desenho* — à pena, com tinta castanho escuro — as suas linhas não são dum desenhador como o genial Dürer: *deve ser o próprio original português, enviado de Lisboa.*

(33) Esta leitura das quatro linhas do *desenho* foi-me amavelmente comunicada por Miss Elisabeth Senior, conservadora do British Museum, que a copiou de:

a) F. LIPPMANN — 21. O desenho tem o n.º 257.

O sr. doutor Luiz Silveira também encontrou a mesma leitura em:

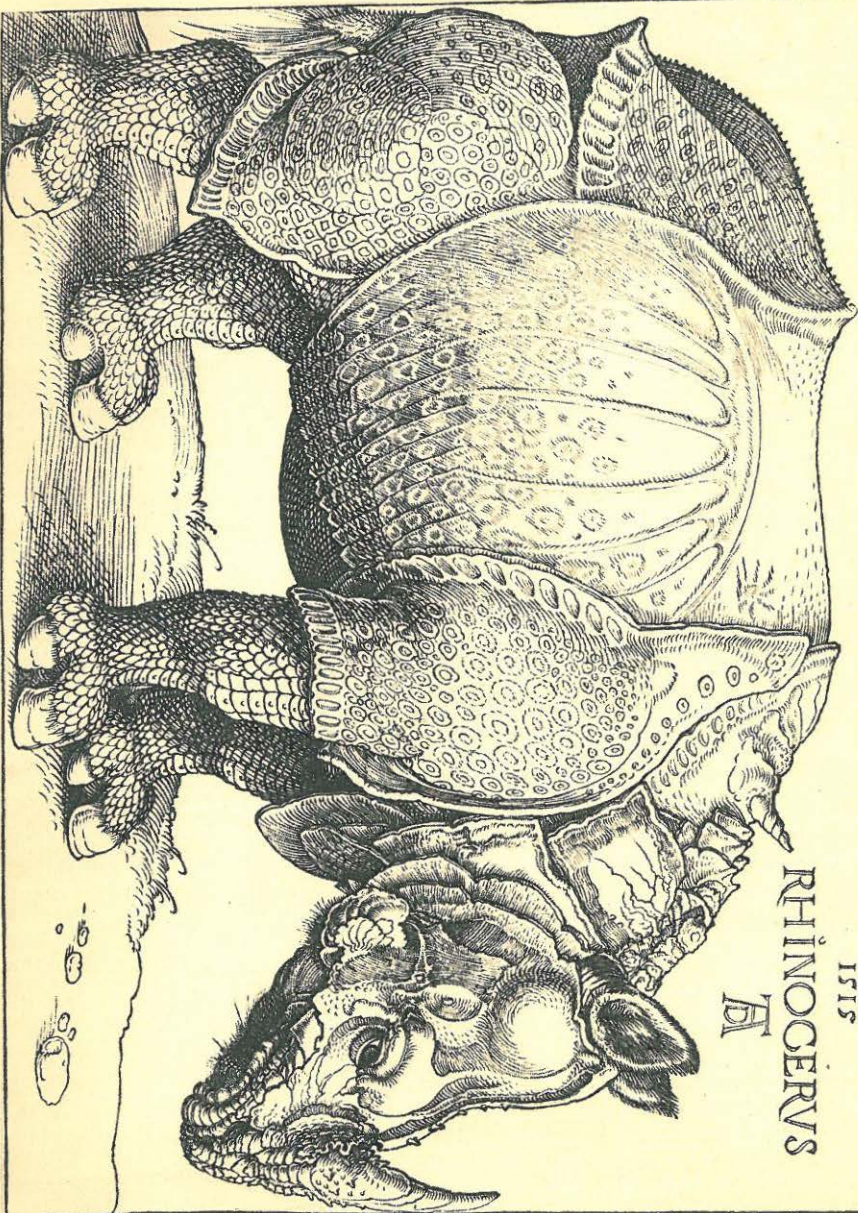
b) HELLER — 20. Pág. 48, enviando-me amavelmente esta preciosa tradução:

«No dia 1 de Maio de 153 [1513] trouxeram ao nosso rei de Portugal, em Lisboa, vindo das Índias orientais, um animal vivo, chamado rinoceronte. Para lhe dar ideia da estranheza dêste animal mando-lhe o *desenho*. Tem côr de um sapo, é enormemente maciço e coberto de escamas. É do tamanho dum elefante, mas mais baixo, e seu inimigo mortal. Na parte anterior do focinho tem um corno aguçado e forte; e quando se aproxima do elefante, para com êle lutar, aguça primeiro o corno nas pedras e corre metendo depois a cabeça entre as pernas dianteiras do elefante, onde êste tem a pele menos espeça e rasga-a. O elefante teme muito o rinoceronte, pois êste fere-o sempre, porque além de bem armado é muito ágil e esperto. O animal chama-se em grego e latim Rhinocero e em indiano Gomda».

[illegible]

1515

RHINOCERYS



Esta interessante conclusão pessoal,— dum leigo em arte — a que os factos apontados me conduziram, tem a opinião conforme do ilustre director do Museu de Arte Antiga, sr. dr. José de Figueiredo. Ela irá certamente levantar discussões entre os grandes críticos da obra monumental de Dürer.

II — O grande nuremberguês, baseado no *original* de Lisboa, executou novo desenho, muito aperfeiçoado, com o seu monograma A. D., que serviu para a sua célebre gravura em madeira «Rhinocerus 1515», ainda publicada neste ano: e deu-lhe uma legenda ⁽³⁴⁾, modelada nos termos da *missiva* remetida de Lisboa e que êle copiara no *desenho original* que a acompanhava.

Dürer era alemão, por isso na sua legenda se refere a D. Manuel nestes termos: «*trouxeram ao poderosíssimo rei de Portugal*» bem diferentes dos da *missiva* do português.

(34) Tradução da legenda, amavelmente executada pelo sr. professor Knapic:

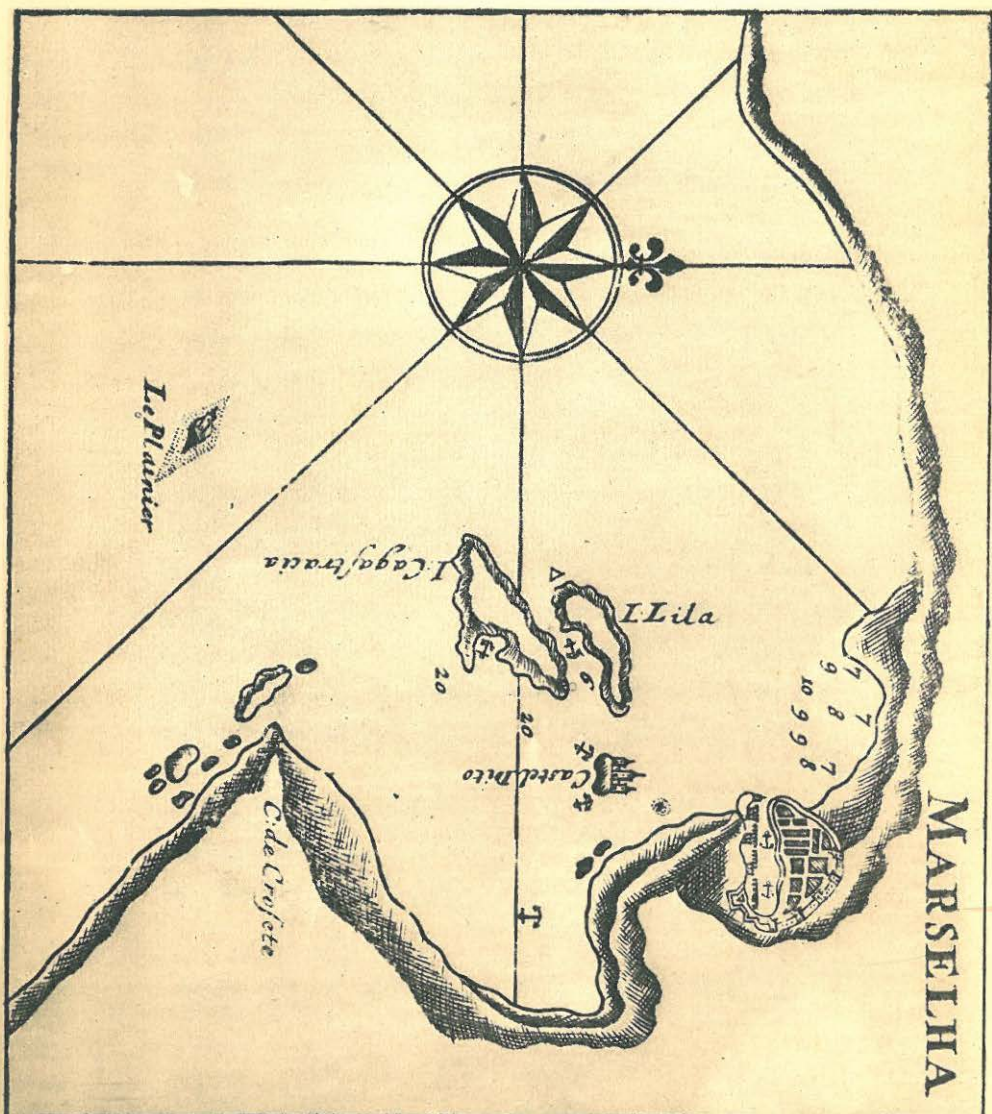
«Em Maio do ano de 1513, depois do nascimento de Cristo, *trouxeram ao poderosíssimo Rei de Portugal*, Manuel, em Lisboa, vindo da Índia, um animal vivo chamado rinoceronte. Aqui se encontra desenhada tôda a sua figura. Tem a côr duma tartaruga salpicada, é enormemente massiço e coberto de escamas. É do tamanho de um elefante, mas mais baixo, e muitíssimo capaz de se defender. Na parte anterior do focinho tem um corno aguçado e forte, que afia logo que se encontre ao pé de pedras. O abrutalhado animal é inimigo mortal do elefante, que lhe tem um mêdo tremendo. Quando se lhe aproxima corre o animal metendo a cabeça entre as patas dianteiras do elefante, do que se não pode defender, por o animal estar tão bem armado que o elefante nada pode fazer; rasga e abre-lhe a barriga, dando cabo dêle. Dizem também que o rinoceronte é lesto, alegre e manhoso».

Conhecem-se oito edições da famosa gravura de Dürer. O British Museum ⁽³⁵⁾ possui um exemplar da 1.^a ed.; um da 3.^a; um da 7.^a e dois da 8.^a O exemplar da 1.^a edição (1515) é formosíssimo e está perfeitamente conservado (Cota: 1895-1-22-714).

O «Rhinoceros 1515» de Dürer imortalizou a *ganda* de Mo-dafar.

(35) CAMPBELL DODGSON — 12. Pág. 307.

MARSELHA



IV — A Ganda segue para Roma, 1515-1516

12 — D. Manuel, nono filho do infante D. Fernando, foi um dos raríssimos homens nascidos para a obscuridade, que a deusa ventura tem desposado; e ela, tão volúvel, jàmais o abandonou.

Sucessor do grande rei D. João II, foi êle quem veio a aproveitar-se da política interna, externa e colonial que seu ilustre cunhado encetara com a mais férrea energia. Com a expansão portuguesa ultramarina, derivada das nossas navegações, vieram a Lisboa essas inigualáveis riquezas, que foram o maior estímulo da extremada vaidade do ingrato D. Manuel, desenvolvendo-lhe, ainda, ao máximo, o seu amor pelo luxo e pelo espantoso fausto da sua côrte.

Este fausto quís êle mostrá-lo à côrte que passava por ser a mais pomposa da Europa: a romana do papa Leão X.

A célebre embaixada de Tristão da Cunha, que entrou em Roma a 12 de Março de 1514, espantou a cidade santa pela riqueza do seu fausto e dos seus presentes reconhecidamente inigualáveis.

Entre êsses presentes viam-se um elefante e uma onça, animais indianos, que maravilhosamente impressionaram todos os habitantes e visitantes da grande cidade.

A missão prática da pomposa embaixada, com os seus prin-

cipescos dons, consistia naturalmente na costumada obtenção de concessões pontificais, concretizadas em bulas. Algumas conseguiu Tristão da Cunha, porque os presentes sempre foram um poderoso argumento convincente.

13 — No ano seguinte, 1515, pretendeu naturalmente el-rei novas concessões papais, por isso que resolveu enviar outros presentes a Leão X, entre os quais a infeliz *ganda*. Foi João de Pina, capitão duma nau ⁽³⁶⁾, cujo nome se perdeu, o encarregado de os conduzir a Roma. D. Manuel enumera-os em alvará assinado em Lisboa aos 9 de Outubro de 1515 (Doc. 3):

- 2 barris;
- 2 pinchéis (pequenos vasos);
- 2 bacios de mão, para água;
- 2 agomis (jarros pequenos);
- 6 taças douradas;

tudo de prata, com suas caixas e panos.

E, para a *ganda* levar postos:

- cadeia de ferro, dourada;
- colar de veludo verde com rosas e cravos dourados.

Como a pobre *ganda* devia parecer janota com tal jaez!

14 — A nau de João de Pina deve ter largado do Tejo em Dezembro de 1515. Em Janeiro de 1516 aportou a Mar-

(36) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV, Cap. XVIII.

selha, onde estava Francisco I de Valois, rei de França, o qual foi vêr a *ganda* a uma das ilhas da baía, para o que Pina a desembarcara.

A arribada da nau a Marselha é indicada por Damião de Gois, assim como a visita de Francisco I à *ganda*, que Pina, para êsse fim, fizera desembarcar; ainda segundo Gois, Pina teria oferecido então um «formoso cavalo» ao rei de França, o qual em agradecimento lhe deu 5:000 escudos ⁽³⁷⁾.

O italiano Giovio ⁽³⁸⁾ confirma a ida da *ganda* à Provença, sem determinar Marselha, e a sua estada ali, em terra (Doc. 4).

O francês Ruffi ⁽³⁹⁾ ratifica a estada da nau na baía de Marselha, e a visita de Francisco I à *ganda*, que para isso foi desembarcada numa das ilhas ⁽⁴⁰⁾, precisando-a em Janeiro de 1516 (Doc. 5).

15 — Depois, em fins de Janeiro ou princípios de Fevereiro, daquêlê ano de 1516, largou João de Pina na sua nau, com a *ganda*, a caminho de Roma. Mas, sobrevindo um temporal, perdeu-se a nau no golfo de Génova, nada se salvando ⁽⁴¹⁾.

Giovio, que publicou o seu livro antes do de Gois, precisa

(37) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV. Cap. XVIII.

(38) PAOLO GIOVIO — 17. Pág. 50.

(39) ANTOINE DE RUFFI — 26. Pág. 198.

(40) As ilhas de Marselha são três: Castelo Dito (Chateau d'If), Cagastracia (Pomègues) ou S. João e Lila (Ratoneau).

A *ganda* deve ter sido desembarcada numa das duas maiores: na S. João ou na Ratoneau.

(41) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV, Cap. XVIII.

a perda de *ganda* nas perigosas costas abruptas pouco ao norte de Pôrto Venere (à entrada de Spezia) ⁽⁴²⁾.

Gois termina por afirmar que o cadáver da *ganda* deu à costa e, empalhado, foi levado a Leão X ⁽⁴³⁾. Giovio já também o havia escrito: veio a Roma «la sua vera effigie e grandezza» (Doc. 4). Este último autor precisa que isto sucedeu no mês de Fevereiro, mas... enganou-se no ano, que foi 1516 e não 1515 como êle indica.

D. Manuel, em carta dirigida a D. Miguel da Silva, seu embaixador em Roma, escrita em Lisboa a 11 de Agosto de 1516, confirma a perda da nau com a *ganda* e tudo o que levava (Doc. 6) ⁽⁴⁴⁾.

Assim, bem tristemente, vieram a acabar, em Fevereiro de 1516, as deambulações da *ganda* de Modafar, rei de Cambaia.

(42) PAOLO GIOVIO — 17. Pág. 50. Ver Doc. 4.

(43) DAMIÃO DE GOES — 18. Parte IV, Cap. XVIII.

(44) Fica desta forma bem documentada a impossibilidade de Caverel ter visto a *ganda* em Lisboa no ano de 1582, conforme êle alvitra.

É possível, porém, que fôsse um outro rinoceronte indiano, por isso que afirma ter êle o chifre serrado. Mas em parte alguma encontrei notícia destoutro rinoceronte, a que êle se refere com tôda a precisão.

a) PHILIPPE DE CAVEREL — 7. Citado em:

b) *Boletim de Bibliografia Portuguesa* — 3. Pág. 162.

DOCUMENTOS

DOCUMENTOS

Doc. 1

Carta escrita por Valentim (Fernandes) de Morávia, alemão, a um mercador de Nuremberg. Lisboa, 1515 ⁽¹⁾

(Depois de 3 de Junho até fim de Julho)

Caríssimo irmão. Aos 20 dêste mês de Maio, de 1515, chegou aqui a Lisboa, cidade nobilíssima de tôda a Lusitânia, empório no presente excelente, um animal chamado pelos gregos *rinoceros* e pelos índios *ganda*, mandado pelo poderosíssimo rei da cidade de Combaia ⁽²⁾ da Índia, para presentear a êste sereníssimo Manuel, rei de Portugal, o qual animal, no tempo de Pompeu Magno foi mostrado com outros animais aos romanos, em seus jogos, como diz Plínio ⁽³⁾.

Êste rinoceros, diz êle, tem um chifre sôbre o focinho, é inimigo do elefante e, tendo que combater com êle, aguça o chifre numa pedra procurando no combate ferir-o na barriga, por ser a parte mais vulnerável do elefante; diz que é tamanho como um elefante, mas tem as pernas mais curtas e a côr semelhante à do buxo. E isto é

(1) Tradução do manuscrito italiano:

VALENTIM FERNANDES — 14.

O manuscrito não indica a assinatura de Valentim, nem o local, que deve ser Lisboa 1515, nem o mês que calculo ser um dos que registro.

(2) Cambaia.

(3) CAIUS PLINII SECUNDI — 24. Liv. VIII, Caps. XIX e XX.

semelhante ao que Strabão, quási no fim do seu *Livro*, diz dêste modo:

«Existem também panteras fortíssimas e rinocerontes que (como diz Artemidoro) em pouco são excedidos pelos elefantes quanto ao comprimento; coisa que êle afirma ter visto em Alexandria a respeito também da altura. A côr daquele que vimos não era semelhante à do buxo mas à do elefante. Tinha a corpôlência dum touro e a forma aproximada dum javali, principalmente no focinho, exceptuando todavia o nariz que é recurvado por um corno mais duro que um osso. Dêle se serve como arma tal qual o javali se serve dos dentes. Tem ainda duas pregas, desde o dorso até o ventre, como rôscas de serpentes: uma próximo da nuca, outra na região lombar. Nós dizemos isto porque o vimos, mas Artemidoro acrescenta ainda que êste animal luta com o elefante, por causa do pasto, e que mettendo-lhe por baixo o focinho lhe rasga o ventre a não ser que, por meio da tromba ou com os dentes, seja antes derrubado pelo elefante» (4).

(4) O original em alemão de Valentim Fernandes devia conter esta passagem, também em latim — cuja tradução devemos à amabilidade do professor sr. dr. José Augusto de Oliveira — tal como vem no manuscrito italiano de Florença e que Gubernatis não transcreveu. Ela é a reprodução da de Strabão:

STRABONIS — 27. Liv. XVI, Fols. 139 v. e 140 r.

Valentim Fernandes serviu-se desta edição de 1502, ou doutra coeva. É de notar que as mais modernas edições contêm algumas pequenas diferenças.

Eis a curiosa passagem em latim:

«Fert etiam pardales fortissimas et rhinoceros qui (ut Artemidorus ait) longitudine parum ab elephantis exceduntur: quod Alexandriae vidisse se (a) affirmat se fere etiam quantum ad altitudinem: eius autem quem nos vidimus color nos (b) buxo, sed Elephantis similis erat: magnitudo vero tauri: forma apro proxima: praesertim quantum ad rictum praeter nasum qui cornu quoddam est recurvum: omni osse durius: eo pro armis utuntur quemadmodum aper dentibus: habet etiam duo cingula

E isto diz o dito Strabão, no que mostra *concordar com o que aqui vimos* e principalmente no que toca à inimizade que se dá entre os dois animais, porque no dia da Santíssima Trindade ⁽⁵⁾ sendo o elefante introduzido em certo pátio, junto ao palácio do rei, e sendo conduzido ao mesmo local o supracitado *rinoceronte*, eu vi que o dito elefante logo que o viu começou imediatamente a virar-se, ora daqui ora dali, com furor; urrando aproximou-se duma janela, gradeada com varões de ferro da grossura de um braço, acometeu-a com os dentes e com a tromba, quebrou os varões e fugiu.

⁽⁶⁾ E, porque acima fiz menção da cidade de Combaia ⁽⁷⁾, para maior informação aqui vos declaro onde ao presente tal cidade está colocada. E abreviadamente da divisão da Índia, no nosso tempo, digo: de dois modos se divide a Índia, isto é: da Índia e da Arábia.

Dizem os modernos ser a Índia Inferior todo o mar, com os litorais e rios de tôda a parte, isto é a Etiópia e Arábia asiática, até ao Golfo pérsico; as ilhas que estão no Golfo arábico, isto é o Mar Roxo, até à cidade de Combaia, que contém Aden, nobre empório,

tanquam draconum volumina: a dorso usque ad uterum circumeuntia: alterum jubam versus: alterum ad lumbum. Nos haec de eo dicimus quia nobis visus est Artemidorus ulterius addit: quod id animal de pastu cum elephante pugnet: eum rictu subiens ac uterum rescindens: nisi ab elephantis proboscide vel dentibus anticipetur» (c).

(a) As edições posteriores não contêm «se».

(b) Deve ser «non», como nas edições posteriores, e não «nos».

(c) As edições mais modernas têm «praevertatur» em vez de «anticipetur».

⁽⁵⁾ 3 de Junho, em 1515.

⁽⁶⁾ Daqui até ao fim já não trata da *ganda*, sendo o assunto da *carta* baseado principalmente nas viagens de Marco Paulo e Nicolau Veneto ou de Conti, que Valentim Fernandes conhecia admiravelmente:

MARCO PAULO — 23.

⁽⁷⁾ Cambaia.

e Xehar ⁽⁸⁾ onde nasce o incenso, e a ilha Zocatara ⁽⁹⁾ onde nasce e se faz o *aloes secutrino* ⁽¹⁰⁾.

A Índia Média estende-se até ao promontório chamado Chorii ⁽¹¹⁾.

A Terceira Índia, isto é Superior, estende-se até ao promontório Miganapur ⁽¹²⁾, no Chersoneso áureo. Pelo que esta contém todo o Golfo gangético, com as suas ilhas circunvisinhas, isto é Taprobana, a qual no presente se chama Seylan ⁽¹³⁾, e Java Menor, que agora se denomina Samotra ⁽¹⁴⁾; e, bem assim, com tôda a Melaca ⁽¹⁵⁾, o mais nobilíssimo empório que se acha em todo o Oriente.

Depois, todo o resto não se chama mais Índia, mas é denominado Cyn ⁽¹⁶⁾.

Os indianos dividem a Índia desta forma:

A primeira Índia, Inferior ou Ocidental, que começa nos povos guzarates, desde o rio Índo, chamado presentemente Girid ou Ize-gend, até ao promontório Helii ⁽¹⁷⁾; é habitada por vários domínios de sarracenos, sendo o mais poderoso o de Combaia, em cujo reino se encontra e extrai o indigo, e se fazem os finíssimos panos de algodão. O rei e a quarta parte dos seus povos são mahometanos; os restantes são idolatras. Nos reinos da parte norte está a cidade de Delhi ⁽¹⁸⁾, de um rei sarraceno, que tem ainda sob as suas ordens alguns povos idolatras. Tal cidade e a maior parte das cidades india-

(8) Xaer (a E. de Aden).

(9) Socotorá.

(10) «Linho aloe chamado Secutrino».

MARCO PAULO — 23. Fol. 87 r.

(11) Cabo de Camorim.

(12) Singapura.

(13) Ceilão.

(14) Samatra (Sumatra).

(15) Malaca.

(16) China.

(17) Creio ser Diu.

(18) Ainda Delhi.



nas foram outrora dominadas por Tamberlan ⁽¹⁹⁾; após a morte do dito Tamberlan tôdas as ditas cidades ficaram livres.

A segunda parte da Índia chama-se Malibaria ⁽²⁰⁾ e estende-se até ao promontório Chorri ⁽²¹⁾, em cujo litoral estão situados Calcut, Cananôr, Cochim, Colon ⁽²²⁾ e Carangalor ⁽²³⁾. O maior empório que se encontra é Colon ⁽²²⁾, onde há um grande número de cristãos nestorianos e, também, judeus e sarracenos, os quais fazem negócios locais; os outros habitantes, com os seus reis, são idolatras e adoram os bois.

Os povos da parte setentrional dos ditos reinos são também idolatras dos deuses, com o rei Narsindo ⁽²⁴⁾ da magna cidade Bysenegal ⁽²⁵⁾, o qual é o mais potente daquela região. Nesta referida parte encontra-se gengibre, pimenta, cubebas aromáticas e mirabulanos e outras especiarias.

A terceira Índia, chamada Mahabar, que é Oriental e Superior, estende-se até ao Ganges; os modernos chamam a esta província Cirimandel ⁽²⁶⁾ de uma cidade chamada Choromandel. Nela está a cidade de Melapur ⁽²⁷⁾, onde Sam Tomé fazia grandes milagres, sendo ali martirizado e sepultado ⁽²⁸⁾; contudo o seu corpo foi transportado para a Arménia ⁽²⁹⁾ e sepultado em grande sepulcro,

(19) Tamerlan.

(20) Malabar.

(21) Cabo de Camorim.

(22) Coulão.

(23) Cranganor.

(24) Narsinga.

(25) Bisnagua.

(26) Coromandel.

(27) Meliapôr (faz parte da actual Madrastra).

(28) A sepultura (?) de S. Tomé só foi descoberta perto de Meliapôr no ano de 1523 (governo de D. Duarte de Menezes). Nêsse local foi reedificada a igreja em 1547, onde ainda existe sob o nome de S. Tomé (de Meliapôr).

(29) S. Tomé faleceu na antiga Edessa, hoje Orfa ou Urfa — Mesopotâmia setentrional — onde creio estar sepultado. Vêr:

E. G. RAVENSTEIN — 25. Pág. 94. Em Meliapôr viveram muitos cristãos nestorianos da liturgia de Edessa.

onde se não encontra do dito apóstolo senão um seu livro, o qual se pode ver.

Existem neste reino sarracenos e idolatras. E no mar está a ilha Taprobana, chamada ao presente Seilão, onde todos são, com o seu rei gentílico, moralistas da seita Bragmana ⁽³⁰⁾. Nesta ilha há florestas de excelente canela. E também nela se encontram pedras preciosas, isto é, rubis, jacintos, olhos de agata e safiras, e as margaridas ⁽³¹⁾, pescam-se também nestes mares.

No setentrião desta Índia está o reino de Thellembar ⁽³²⁾, com os gentios semelhantes; encontram-se aqui diamantes.

A ocidente estão as 12:000 ilhas que têm um nome comum que se chama Dihab ⁽³³⁾. A sua régia Mahal ⁽³⁴⁾ e domínio está nas mãos dos sarracenos, que têm 30 em 60 (?) ⁽³⁵⁾; e os pobres andam nus, vivem de pescarias e levam as suas conchinhas à cidade de Banchele ⁽³⁶⁾, na qual as empregam como moeda e a gastam; e fazem as cordas ⁽³⁷⁾ que se adotam nos navios índicos.

A Índia além do Ganges é por eles chamada Macin e, além dela, Cyn, que é o último país. Marco Paulo chama-a Mangi, que limita com a verdadeira Chersoneso ⁽³⁸⁾, na qual está a cidade de Malaca, além da qual está o porto de Zaiton ⁽³⁹⁾. Estão nela as cidades régias: Pego ⁽⁴⁰⁾ e Tarnasaris ⁽⁴¹⁾; e, do lado oposto destas, está

⁽³⁰⁾ Bramanes.

⁽³¹⁾ Pérolas.

⁽³²⁾ Telline empregou Valentim Fernandes na *Introdução* a:
MARCO PAULO — 23. Fol. Avj. r.

⁽³³⁾ Ilhas de Dive (Maldivas), que o autor da *carta* descreveu:
VALENTIM FERNANDES — 15.

⁽³⁴⁾ Mahal é a ilha onde estava o rei das Dive.

⁽³⁵⁾ O manuscrito de Florença tem a palavra «caxe», cuja tradução ou sentido não consegui obter.

⁽³⁶⁾ Bengala.

⁽³⁷⁾ Da fibra das palmeiras, assás abundantes nestas ilhas de Dive.

⁽³⁸⁾ Chersoneso aureo.

⁽³⁹⁾ Hoje Chaug-Cheu.

⁽⁴⁰⁾ Pegu.

⁽⁴¹⁾ Tarnaçari.

a ilha máxima, a qual é chamada por Marco Paulo veneziano Java Menor e no presente se chama Samotra ⁽⁴²⁾, de um empório da dita ilha, na qual nasce a pimenta comprida, a cânfora, e ouro e prata.

Syn ou então Kyn é chamado todo o resto, até à terra desconhecida; e, pelo dito Syn, é chamada a ilha Sinay ⁽⁴³⁾, onde está Bandan ⁽⁴⁴⁾, ilha onde nasce o cravinho. E daqui são trazidos os papagaios brancos, como pombas, com a crista na cabeça, como pôpa, e que pronunciam as palavras humanas ótimamente ⁽⁴⁵⁾.

No tempo em que os portugueses navegavam, nas costas marítimas, encontraram no Cabo da Boa Esperança serem os seus habitantes homens muito pequenos; habitavam em grandíssimas lagôas, ao modo veneziano, e eram homens maus e violentos e andavam enganando e, com acenos, faziam promessas de dar um carneiro, por certa fazenda, trazendo aos ombros um cão, querendo dar a entender que era um carneiro, fazendo com a bôca o ruído ⁽⁴⁶⁾ do carneiro ou borrego.

Os portugueses, percebendo tal lôgro, fizeram o ruído ⁽⁴⁷⁾ do cão, de maneira que os etiópicos começaram a rir, deitaram o cão por terra e começaram a fugir.

Dizem que os ditos povos falam estranhamente, torcendo a bôca e os olhos, assobiando de certo modo estranho, com tal variedade de gestos e de sons, que metem mêdo. Pediam com acenos que deviam descer em terra, e vir junto dêles, porque tinham oferecido um barrete vermelho a um dêles, que tinha vindo ao navio; o qual, por tal benefício, com gestos lhes fez perceber que não descessem

(42) Samatra (Sumatra).

(43) Não consegui identificar esta ilha. É possível que Valentim Fernandes quisesse referir-se a alguma das Molucas, já descobertas em 1515 mas ainda pouco conhecidas no reino.

(44) Banda, é uma das ilhas do grupo das Molucas.

(45) São as cacatúas.

(46) Balido.

(47) Latido.

por nada, porque os comeriam, porque soubessem que eram homens nefandíssimos e que comiam carne humana.

Dizem ser péssimo o ar e isto porque os ditos portugueses se lhes inchava a sua carne, de modo que lhes foi forçado cortarem-na com navalhas, por onde, por tais cortes, saía sangue putrido e de tal maneira se curaram.

E foram-se na volta de Zaffala ⁽⁴⁸⁾ onde está a mina de ouro, que fica a dois dias de jornada da terra, onde construíram uma fortaleza, fazendo-a de pedra e cal ⁽⁴⁹⁾.

Tais povos etiópicos riam-se e faziam mofa dela, julgando-se persuadidos que depois, quando estivesse acabada, com os seus homens a atirariam a terra.

Mas, quando os portugueses tiveram guarneçada a dita fortaleza, foi possível defendel-a com pedras, bastantes espingardas e artilharia. De modo que depois, de repente, os ditos etiópicos em grande número, tomando-se pelas mãos, correram à tal fortaleza, empurrando-se uns aos outros, êles com seixos, pedras, armas e artilharia contundiram um grandíssimo número, de maneira que, visto isto, com grande admiração ficaram e, de repente, se pacificaram de modo que permaneceram em paz, obedientes e submetidos a fazerem tudo o que dêles quisessem. E, desta forma, trazem de tal país infinito ouro, semelhante ao ouro tiber ⁽⁵⁰⁾ que vem da Barbaria.

(48) Sofala.

(49) Começada em 1503.

(50) Em pó.

Ordem de Afonso de Albuquerque, sôbre Oçem

(Goa, 20 de Outubro de 1514)

A Francisco Corvinel, feitor de Goa e escrivães da dita feitoria. O capitão geral vos manda que deis a *Oçem, que vai com a ganda a Portugal*, um pardau e um vestido de panos, dêsses que tendes, dos quais lhe faço mercê em nome de el-Rei nosso Senhor e por isto, com assento dos ditos escrivães, vos será levado em conta. Feito em Goa aos 20 dias de Outubro. Fernão Moniz o fez de 1514. Afonso de Albuquerque ⁽⁵¹⁾.

(51) *Cartas de Afonso de Albuquerque* — 5. VI, pág. 147.

Alvará d'El-Rey D. Manoel em que manda a Ruy Leite entregar a João de Pina 2 barris, 2 picheis, 2 bacias de agua para as mãos, &.^a

(Feito em Lisboa a 9 de Outubro de 1515)

Nos El Rey mandamos a vos Ruy Leite, Recebedor do nosso thesouro, que entregueis a Joham de Pina, cavaleiro de nossa casa, os dous barris, e dous picheis, e dous bacios d'agua das mãos, e dous agomis, e meia duzia de taças que vos mandámos dourar e concertar, para enviar ao santo padre, e isto com suas caixas e panos para se embrulharem e irem guardadas. E assim uma arca de pao grande em que tudo vá, a qual vá cuberta de alguma sarapilheira por causa da humidade do mar não entrar dentro. E por isto, com seu consentimento, e assento de vosso escrivão, do que a dita prata pesa e do que as outras cousas a ella necessarias custarem. Mandamos que vos seja tudo levado em conta. Feito em Lisboa aos ix dias do mês de outubro. Diogo Vaz o fez de b^e x b [1515]. Rey.

E assim lhe entregareis a cadêa de ferro dourada, e o colar de veludo verde com rosas e cravos dourados, que vos mandámos que fizesseis para a dita ganda guarnecida com franja. Rey. O barão [de Alvito].

Para o thesoureiro que entregue esta prata, que V. A. manda a Roma, a Joham de Pina ⁽⁵²⁾.

(52) *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* — Corpo Cronológico, Parte 1.^a, maço 19, doc. 2.

Extrato de Paolo Giovio, 1555 ⁽⁵³⁾

«Et io [*Giovio*] gli elessi quel fiero animale chi si chiama *Rhinocerate*, nemico capitale dell'Helefante, il qual essendo mandato à Roma, accio che combatesse seco, da Emanouello Re di Portogallo, essendo gia stato veduto in Provenza dove scese in terra, s'affogo in mare per un'aspra fortuna, negli scogli puoco sopra porto Venere, ne fu possibile mai, che quella bestia si salvasse per essere incatenata, anchorche nuotasse mirabilmente, per l'asprezza de gli altissimi scogli, che fa tutta quella costa. Però *ne venne á Roma la sua vera effigie, & grandezza*, et ciò fu del mese di Febraro l'anno MDXV ⁽⁵⁴⁾ con informationi della natura sua, laquale secondo Plinio, & si come narrano i Portughesi...»

(53) PAOLO GIOVIO — 17. Págs. 50 e 51.

Amável informação do sr. R. P. Schurhammer.

(54) É engano, foi em 1516.

Extrato de Antoine de Ruffi, 1642 ⁽⁵⁵⁾

«François I^{er} vint à Marseille, avec la reine Claude son espouse, en l'an 1516, à son retour de la Sainte Baume, où il estait allé rendre graces à Dieu pour la victoire qu'il avait gagné sur les Suisses à Marignan... Il fut ouir messe à l'église Cathédrale; et après le disné, étant monté sur une galère, suivie de quelques autres, et d'un grand nombre de brigantins, *il alla aux isles de Marseille pour voir un Rhinocérot que le roi de Portugal envoyait au pape Léon X*. Et deux jours après il partit de Marseille» ⁽⁵⁶⁾.

(55) ANTOINE DE RUFFI — 26. Page 198.

Informação e transcrição devida à amabilidade de M. Charles de la Roncière.

(56) Segundo o seu itinerário, Francisco I ainda estava em Marselha em 26 de Janeiro de 1516.

Carta d'el Rey a D. Miguel da Silva

(1516 — Agosto 11)

Dom Miguel, nós el Rey vos enviamos muito saudar. A nós foi dito como *a nao, que enviamos ao santo padre com a alimária que nos veiu da Índia, e presentes outros, era perdida com tudo*, com que houvemos muito desprazer. Vós direis a Sua Santidade como ha ainda poucos dias que o soubemos, e o muito desprazer que por isso Recebemos, porque a *alimaria* quando nos foi trazida, por ser cousa tão nova nestas partes nunca vista e quasi não achada nos livros, e nos ser enviada da maneira que ela foi. Nós a estimamos e estimavamos mais que cem mil dobras. E quando determinámos de a mandar a Sua Santidade a presavamos mais que duzentas mil, parecendo-nos que havia de receber de nós o que com tanto amor, boa vontade e gosto lhe enviavamos e o que a nenhum pontifice fora apresentado, nem visto nestas nossas partes. Mas pois a fortuna o assim quiz ordenar, de que piedosamente é de crer que aos passados não pesou por Sua Santidade não receber os presentes tão novos e de tão longe, tão desacostumados a eles, nem pensados, que pedimos muito por mercê a Sua Santidade que ao menos receba o amor e muito gosto com que lhe tudo enviámos, o qual sempre teremos por todas as cousas de seu serviço. E que sabendo que ele o conhece e recebe, como lhe pedimos, nos curará o muito desprazer que temos recebido por Sua Santidade não ver tamanha novidade.

.....
Escrita em Lisboa a 11 dias de Agosto. André Pires a fez, de 1516. Rey ⁽⁵⁷⁾.

(57) *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* — Corpo Cronológico, Parte 1.^a, maço 20, doc. 84.

LEGENDAS DAS GRAVURAS

- 1 — MAPA DO REINO DE GUZARATE (CAMBAIA). De João Baptista Lavanha.
(*Decada Quarta da Asia*, de João de Barros. Lisboa, 1615).
- 2 — A «GANDA DE MODAFAR».
Desenho original português (274mm × 420mm), enviado de Lisboa em 1515 com uma *missiva dum Português*.
A nota manuscrita, cópia desta *missiva*, é do próprio punho de Alberto Dürer.
(Londres, British Museum)
- 3 — O «RHINOCERUS 1515».
Gravura em madeira de Alberto Dürer, 1.^a edição (212mm × 297mm), invertida para comparação com o *Desenho original português* (fig. 2).
(Londres, British Museum)
- 4 — O «RHINOCERUS 1515».
Gravura em madeira de Alberto Dürer, 1.^a edição (212mm × 297mm).
(Londres, British Museum)
- 5 — AS ILHAS DE MARSELHA.
A «ganda» de Modafar foi desembarcada na Cagastracia ou na Lila, onde Francisco I a foi visitar.
(*Arte de Navegar*, de Manuel Pimentel. Lisboa, 1762).
- 6 — PÔRTO VENERE.
O navio de João de Pina, com a «ganda» de Modafar, perdeu-se nos rochedos situados pouco ao Norte dêste pôrto.
(*Le Petit Atlas Maritime*, de S. Betin. Versailles, 1774, vol. IV).

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 — BARROS (JOÃO DE) — *Década Segunda da Asia*. Lisboa, 1628.
- 2 — ——— — *Década Quarta da Asia*. Refeita e completada por João Baptista Lavanha. 1.^a ed. Lisboa, 1615.
- 3 — *Boletim de bibliografia portuguesa*. Sob a direcção de Annibal Fernandes Thomaz. Coimbra, 1879, Vol. I.
- 4 — BRITO (GOMES DE) — *Os pachidermes do Estado d'El Rei D. Manuel* (in: *Revista de Educação e Ensino*, págs. 79 a 86). Lisboa, 1894.
- 5 — *Cartas de Afonso de Albuquerque*. 6 Vols. Lisboa, 1884-1915.
- 6 — CASTILHO (JULIO DE) — *A Ribeira de Lisboa*. Lisboa, 1893.
- 7 — CAVEREL (PHILIPPE DE) — *Ambassade en Espagne et en Portugal (en 1582), de R. P. en Dieu, Dom Jean Sarrazin, Abbé de St. Vaast*. Arras, 1860.
Existe um ex. na Biblioteca Nacional de Lisboa.
- 8 — *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*. 4 Vols. (ou Partes). Lisboa, 1774.
- 9 — CORREIA (GASPAR) — *Lendas da Índia*. 4 Vols. Lisboa, 1858-1864.
- 10 — COUTO (DIOGO DO) — *Da Asia*. Lisboa, 1778-1788.
- 11 — DANTAS (JULIO) — *A Era Manuelina* (in: *Historia da Colonização portuguesa do Brasil*, vol. I). Pôrto, 1921.
- 12 — DODGSON (CAMPBELL) — *Catalogue of early German and Flemish woodcuts in the British Muesum*. London, 1903.

- 13 — FALCÃO (LUIZ DE FIGUEIREDO) — *Livro em que se contem toda a Fazenda e Real Património dos Reinos de Portugal, etc.* Lisboa, 1859.
- 14 — FERNANDES (VALENTIM) — *Carta a um seu amigo de Nuremberg.* Lisboa, 1515 (Doc. 1).
O original em alemão considera-se perdido. Existe uma tradução italiana:
Lettera scripta de Valentino [Fernandes] Moravia germano a li mercatanti di Nuremberg. Manuscrito da Biblioteca Nazionale Centrale, Florença (*Codice Stroziano N.º 20*, cota: Ora Cl. — XIII 80). Foi publicada por *Angelo De Gubernatis* — 19.
- 15 — — — *Colecção de varias Cronicas, Relações e Roteiros.* Portugal, 1506-1508 e 1510. *Codice manuscrito em português*, existente na Biblioteca do Estado, em Munich (Cod. Hisp. 27). Gabriel Pereira publicou algumas destas *Relações*, entre elas *As ilhas de Dyve* (in: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 17.^a Série, 1898-1899, N.ºs 6 e 7). Lisboa, 1900.
- 16 — FERREIRA REIMÃO (GASPAR) — *Roteiro da carreira da India.* Lisboa, 1612. (O único ex. conhecido é pertença da Bib. Nac. de Lisboa).
- 17 — GIOVIO (PAOLO) — *Dialogo dell'Imprese Militari et amorose.* Roma, 1555.
Existe uma tradução espanhola de Alonso Ulloa. Leon de Francia, 1562.
- 18 — GOES (DAMIÃO DE) — *Chronica do serenissimo senhor Rei D. Manuel.* Lisboa, 1566-1567.
- 19 — GUBERNATIS (ANGELO DE) — *Storia dei Viaggiatori Italiani nelle Indie Orientali.* Livorno, 1875.
- 20 — HELLER — *Das Leben und die Werke Albrecht Dürer's.* Bamberg, 1827-1831.
- 21 — LIPPMANN (F.) — *Les dessins de Dürer.*
- 22 — LOPES DE CASTANHEDA (FERNÃO) — *Historia do Descobrimento e Conquista da India.* 7 Vols. Lisboa, 1833.

- 23 — PAULO (MARCO) — *O Livro de [...]. O Livro de Nicolau Veneto. Etc.* Impressão de Valentim Fernandes. Lisboa, 1502.
Reimpressão por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa, 1922.
- 24 — PLINII SECUNDI (CAIUS) — *Naturae Historiarum*. Venetiis, 1497.
- 25 — RAVENSTEIN (E. G.) — *Martin Behaim. His life and his globe*. London, 1908.
- 26 — RUFFI (ANTOINE DE) — *Histoire de la ville de Marseille*. Marseille, 1642.
- 27 — STRABONIS — *Geographiae*. Venetiis, 1502.

ÍNDICE

	Pags.
PREFÁCIO	5
I — A GANDA DE MODAFAR VAI DE CHAMPANEL A SUR- RATE E GÔA, 1514	7
II — A GANDA VEM PARA LISBOA, 1515	11
III — A GANDA EM LISBOA, 1515	15
A — Justa, em Lisboa, da Ganda com um elefante (3 de Junho de 1515)	16
B — O «Rhinocerus 1515», de Alberto Dürer... ..	18
IV — A GANDA SEGUE PARA ROMA, 1515-1516	23
DOCUMENTOS... ..	27
Doc. 1 — Carta escrita por Valentim (Fernandes) de Mo- rávia, alemão, a um mercador de Nuremberg. Lisboa, 1515 (Depois de 3 de Junho até fim de Julho)... ..	29
Doc. 2 — Ordem de Afonso de Albuquerque, sôbre Oçeni (Gôa, 20 de Outubro de 1514)	37
Doc. 3 — Alvará d'El-Rey D. Manuel em que manda a Rui Leite entregar a João de Pina 2 barris, 2 picheis, 2 bacias de água para as mãos, &c. (Feito em Lisboa a 9 de Outubro de 1515)... ..	38
Doc. 4 — Extracto de Paolo Giovio	39
Doc. 5 — Extracto de Antoine de Ruffi	40
Doc. 6 — Carta de El-Rei a D. Miguel da Silva (1516 — Agôsto 11)... ..	41
LEGENDAS DAS GRAVURAS	43
BIBLIOGRAFIA CITADA... ..	45

*Este livro realizado pela
Editorial Ática, Rua das Cha-
gas, 23 a 27, Lisboa, foi
composto e impresso durante
o mês de Julho de 1937*